

A máquina de ser: identidades em abismo na ficção de João Gilberto Noll

Mestre Marcelo de S. Pereira¹ (UERJ)

Resumo:

A expressão “a máquina de ser” é recorrente no mais recente livro de João Gilberto Noll: é usada como título de um dos contos e como título do próprio livro. Além disso, aparece ao longo da narrativa do conto-título e de um outro conto. Esse martelar insistente de um mesmo agregado semântico chama a atenção para os efeitos metafóricos que ele desencadeia durante o ato de leitura da obra. Nesse sentido, o objetivo da comunicação é investigar como a metáfora da “máquina de ser” funciona como um fio condutor que conecta as narrativas entre si. A leitura integrada dos contos, através desse viés, será assessorada por um aparato teórico que tem como foco o processo de formação de identidades/ singularidades no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: ficção contemporânea, máquina, identidade, metáfora

1 O ser e a máquina

No início do século passado, em que a industrialização no Brasil dava os seus primeiros grandes passos, Mário de Andrade já lançava um olhar desconfiado para o processo de assimilação entre o homem e a máquina, quando os dois se encontram no território da cidade grande. Egresso da floresta e jogado no coração metropolitano de São Paulo, Macunaíma percebe o atrito entre as máquinas e seus usuários e chega à conclusão de que, na luta entre os dois, não há vencedores, mas um empate. O empate se dá porque os contendores compartilham de uma natureza muito semelhante: “De toda essa embrulhada o pensamento dele sacou bem clarinha uma luz: Os homens é que eram máquinas e as máquinas é que eram homens” (ANDRADE, s/d, p. 53). Para o herói, porém, máquina não é apenas a máquina convencional, mas qualquer instrumento artificial que encarne as idéias de progresso e modernidade. Da “sacação” de Macunaíma pode-se deduzir que a identidade do sujeito, em sua trajetória rumo à modernidade, sofre transformações irreversíveis a partir do momento em que ele reconhece que sua existência depende em grande medida dos artefatos criados pela técnica.

Neste início de século XXI, uma verdadeira revolução informática corre paralela ou sobrepe-se aos desenvolvimentos industriais e espalha seus efeitos por todos os lados, criando novas esferas de realidade. Oitenta anos depois de Macunaíma, o embate entre o homem e a máquina continua sendo matéria de investimento por parte da ficção. Agora, mais do que nunca, a ficção busca compreender e explorar esteticamente a questão da identidade conflituosa do sujeito num contexto em que o homem não é apenas aparentado à máquina, mas derivado da máquina.

No livro que marca sua volta ao conto, João Gilberto Noll articula a figura do novo homem maquínico com o a questão da dissolução da identidade do sujeito. Essa articulação, que faz as narrativas dialogarem entre si, quase como capítulos de um romance, é alcançada através da metáfora da máquina de ser.

Não é tão difícil entender a origem e a função das incontáveis máquinas que nos rodeiam: máquina de calcular, máquina de costurar, de fotografar, de fazer café, etc. Mas, e uma máquina de ser? Que tipo de máquina seria essa? Quem a opera? Quais as suas peças? Como é o seu funcionamento? Todas essas perguntas se acumulam porque normalmente não se pensa o ato de ser

como derivado de uma mediação maquínica. Estamos acostumados a pensar o ato de ser como um atributo do sujeito: mesmo que não esteja fazendo nada, no sentido de estar realizando alguma tarefa, o sujeito está imanentemente realizando o ato de ser. A metáfora da máquina de ser aparece para chacoalhar esse imanentismo, fazendo-nos ver que, nos dias que correm, o ser é produto de uma fabricação. Nós não somos X ou Y ou Z: os aparatos que nos rodeiam- sejam eles mecânicos, técnicos, informacionais, midiáticos- é que nos fazem ser X ou Y ou Z. Mesmo que, insatisfeitos, decidamos passar a ser A, B ou C, essa conversão é também derivada de uma mediação. A formulação estética de Noll parece caminhar no mesmo sentido da formulação filosófica da idéia de subjetividade produzida, de Félix Guattari :

Seria conveniente definir de outro modo a noção de subjetividade renunciando totalmente à idéia de que a sociedade, os fenômenos de expressão social são a resultante de um simples aglomerado, de uma simples somatória de subjetividades individuais. Penso ao contrário, que é a subjetividade individual que resulta de um entrecruzamento de determinações coletivas de várias espécies, não só sociais, mas econômicas, tecnológicas, de mídia, etc. (GUATTARI e ROLNIK, 1986, p.34)

A metáfora da máquina de ser aproxima o ficcionista do filósofo que juntos parecem perguntar: como ficamos quando descobrimos que não somos sujeitos de nossa própria subjetividade, mas seu objeto? O que nos tornamos quando assistimos de braços cruzados a onda de robotização que nos ameaça? Aquilo que somos é em grande parte fabricado fora de nós por máquinas cada vez mais sutis, de disfarces mil, cujo funcionamento talvez só possa ser captado através dos ruídos quase imperceptíveis de seus motores. Ler esses ruídos e tentar traduzi-los será nossa tarefa. Pinçaremos do livro de Noll três contos, cuja leitura poderá apontar caminhos para a leitura dos demais. Vamos a eles.

2 “A máquina de ser”

No conto que talvez tenha dado origem ao título do livro, o narrador assume o papel de um funcionário de uma embaixada, que sai de seu país e vai para uma cidade estrangeira, tendo como missão promover o intercâmbio tecnológico entre os dois países. E é a partir dessa posição fronteiriça que ele começa a explorar a cidade e a juntar elementos que o levam a vislumbrar as reais implicações do intercâmbio que é de sua responsabilidade promover. Em suas andanças exploratórias, ele capta o clima de tensão mal camuflada e de esterilidade que predomina nas relações entre as pessoas. A caminhada de aprendizagem se completa quando ele faz uma visita a um lugar simbólico da cidade, onde os encontros não ultrapassam o nível da corporeidade. O narrador levanta, então, a hipótese de uma “teologia enfermiza” (NOLL, op. cit., p.122) como marca dessa cidade que parece abominar qualquer preocupação com o mundo *post-mortem*, preferindo a consumação num aqui-agora desencantado.

Ora, a tecnologia não existe separada da cultura que a gerou. Junto com a tecnologia que está em vias de ser trocada entre os dois países, vai também uma espécie de tecnologia de existir, um *modus-operandi* que orienta o comportamento dos cidadãos num mundo globalizado. O narrador se vê então como um agenciador desses modos nefastos de ser: ele funciona como um facilitador de trocas tecno-culturais marcadas por valores degradados e corrompidos, que ele presencia tanto no país estrangeiro como no seu próprio país.

Em suas explorações, o narrador observa uma cena que poderia acontecer sem grandes variações em qualquer cidade ocidentalizada do planeta: um grupo de pessoas reunidas num restaurante para um almoço comemorativo. Essas pessoas são descritas como uma massa indiferenciada e vigilante de possíveis desvios: “quem sabe fizessem parte de uma entidade

parapolicial, talvez de um sistema secreto no saneamento da conduta humana” (NOLL, op. cit.,120). Cresce a percepção do narrador de que corpos saneados, automatizados e indiferenciados podem ser o programa que a cidadela global se empenha para cumprir com seus cidadãos.

O automatismo que o narrador suspeita nos urbanóides ganha uma correspondência simbólica nos manequins que ele viu nas vitrines, em sua caminhada pelas ruas da cidade. Quando olhava as vitrines, o narrador se deteve num manequim de cujo ventre “descia um enxame de bombons” e numa loja masculina viu “um homem de louça que, no entanto, revirava as pupilas como se tomado por um ataque sideral” (NOLL, 2006, p. 121). No lugar da fertilidade sanguínea da prole, a empanturrção adocicante do chocolate; no lugar da pulsação e da quentura da pele viva, a frieza da louça. Os dois manequins podem ser lidos como ícones da conversão do ser -homem e mulher-, em autômatos, condenados a funcionar como suportes para as mercadorias que promovem.

A materialização do intercâmbio tecnológico aparece num devaneio do narrador, no qual ele vê máquinas agrícolas novas lavrando os campos de sua terra natal. O operador dessas máquinas é descrito de forma sinistra, que suscita dúvidas sobre sua atuação. Se a modernidade chegou às máquinas agrícolas, aos tratores, quem garante que ela também não tenha chegado ao alimentos, talvez sob a forma de sementes geneticamente modificadas, cujos efeitos possivelmente danosos não são matéria de divulgação? Quem garante que a própria transgenia não chegue aos humanos através da produção de corpos dóceis, perfeitos e sobretudo produtivos?

A consciência de seu difícil papel, é claro, só pode trazer desconforto para o narrador, que vê na morte uma possível saída. Mas eis que aquele que tem como missão promover o intercâmbio tecnológico mostra-se ele mesmo como produto desse intercâmbio, e a morte é preterida em favor de um automatismo que permite ao narrador continuar desenvolvendo suas funções sem, no entanto, se comprometer psicologicamente com elas.

Sim, eu queria morrer, mas ainda era cedo. Ainda tinha essa missão na Embaixada e eu me sairia bem. Era só acionar a máquina de ser, que tinha no meu corpo um intérprete. E mandar ver... Sempre dava certo... Sempre mesmo, pelo menos até aqui. Não havia razão de pane aguda agora, me levando de roldão. (NOLL, 2006, p.122)

A máquina de ser é um mecanismo existencial cujas funções são monitoradas e controladas por uma máquina maior, que se identifica com a cultura massificante, entendida como uma série de padrões formatadores aos quais os indivíduos são subjugados, num contexto de relações econômicas lucrocêntricas. Nesse sentido, a máquina de ser é uma máquina de produzir autômatos. Acionar a máquina de ser é barrar a reflexão e a vontade; é deixar o corpo funcionar sozinho, totalmente condicionado pelos padrões de programação que para ele foram estabelecidos.

Benjamin já havia articulado a relação entre a produção industrial em série e o comportamento automatizado dos operários não-especializados. Como o trabalho destes não implica o acúmulo de experiência, eles tendem a sofrer de forma mais impactante os efeitos de sua relação com as máquinas. Benjamin detecta nessa relação a origem do automatismo dos transeuntes em relação à multidão. “À vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão, corresponde a “vivência” do operário com a máquina” (BENJAMIN, 1989, p.126). Se tomarmos “máquina” no seu sentido mais abrangente, veremos que a maquinaria responsável pelo funcionamento das instituições sociais e dos sistemas econômicos fabrica indivíduos à sua imagem e semelhança.

Ao acoplar no corpo do indivíduo fios invisíveis que o ligam à poderosa engrenagem social, a máquina de ser funciona como um aparato diluidor de identidades, o que gera atitudes de efeitos diferenciados: o indivíduo pode ver aí tanto a possibilidade de uma fluidez identitária que lhe permita desenvolver um estilo próprio ou pode deixar-se neurotizar pela necessidade de escolher, dentre infinitas possibilidades, um nicho identitário em que precise se enquadrar. Quando a

máquina de ser não é subvertida, ela parece trazer em seu painel a seguinte mensagem a seus portadores: “você está livre para escolher tudo o que queira ser, desde que esse tudo esteja previsto na minha programação, que, como você sabe, segue as regras do mercado”. A hesitação entre seguir o programa estipulado pela máquina de ser ou evadir desse programa em favor de uma errância identitária é a origem do drama discursivo dos narradores.

3 “Monges”

Numa de suas idas quase diárias ao shopping, o narrador vê refletido na vitrine o misterioso rosto de um homem. Esse reflexo perturba-o a ponto de ele temer virar o rosto e encarar o homem de frente. A opção pelo não-enfrentamento faz com que os dois, a princípio, tomem rumos diferentes. Depois de algum tempo na praça de alimentação, o narrador vai ao banheiro do cinema e, ao abrir a porta de uma das privadas, dá de cara com o homem do reflexo. Nesse ínterim, ocorre uma batida policial no banheiro e o narrador é solicitado a mostrar seu RG para o policial. Este passa o número para uma central de controle e libera o narrador. O policial dirige-se então para a privada onde estava o homem do reflexo. O narrador sai do banheiro, ouve o barulho de um tiro e sai assoviando.

O resumo do conto tem a função de enfatizar a carga de ambigüidade injetada na relação entre o narrador e o homem do reflexo. São pessoas parecidas ou idênticas? Completamente diferentes os dois não podem ser, do contrário não teriam sido confundidos pelo policial. A perturbação do narrador ao ver o reflexo na vitrine e a provável semelhança entre ambos remetem para o tema do duplo. Uma ligeira leitura inicial, portanto, poderia ser minimamente formulada nos seguintes termos: trata-se de uma narrativa do gênero fantástico na qual é desenvolvido o tradicional tema do duplo. Feita nesses termos, entretanto, essa interpretação é insuficiente ou equivocada, uma vez que, no mundo contemporâneo, o tradicional tema do duplo entra em atrito com o incipiente tema do clone.

A possibilidade de duplicar pessoas já não é mais apenas cogitação de uma imaginação fantástica. Os modernos aparatos tecnológicos já mostraram ser capazes de clonar animais e a clonagem humana paira (assustadoramente) como uma possibilidade nem um pouco remota. A ficção contemporânea absorve criticamente a gestação desse material bruto da realidade e passa a explorá-lo esteticamente. Na leitura do conto de Noll, por exemplo, a possível presença de um clone contribui ainda mais para a plurivalência dos significados trabalhados na narrativa. Se o duplo tem o estatuto de um conteúdo simbólico radicado na psique humana, o clone tem um grau de presença que garante a sua existência fenomênica na realidade empírica. É nessa zona fronteira que o narrador constrói o seu relato. O que ele narra é o encontro fugaz com o seu duplo ou com o seu clone? Essa dúvida engatilha uma das questões contundentes do texto, que é o estatuto vacilante das identidades. Por duas vezes, o narrador é solicitado a mostrar seu documento de identidade: primeiro, pela atendente da bilheteria do cinema, que precisava checar a idade do narrador, para decidir se ele tinha direito à meia-entrada; depois, pelo policial que quer se certificar de que o narrador não é o homem que está sendo procurado. (NOLL, op. cit., pp. 86, 87)

A identidade do indivíduo, porém, não se restringe àquela que está registrada no documento de identidade. A identidade é um fenômeno muito mais abrangente, que extrapola nome, filiação, data e local de nascimento. Diante da insuficiência desses dados para a montagem de um projeto de identidade, o indivíduo tende a buscar no seu próprio corpo- o dado que dele está mais próximo- a fonte de sua identidade. Acontece que nem mesmo a pretensa unicidade do corpo é garantia de identidade.

Como ter a mínima pretensão de identidade, se até aquilo que materializava a nossa suposta singularidade- nosso corpo- está em vias de ser replicado? Num conto-ensaio chamado “Hello,

Dolly”, Silviano Santiago toca exatamente nessa questão. O narrador escreve uma carta ao filósofo Walter Benjamin culpando-o pela perda de sua aura e ilustra o seu desespero com o relato de seu encontro com um de seus clones, que ele não sabe se deve chamar de papel carbono, xerox ou replicante. Na parte final da carta, o narrador manifesta o seu protesto contra os desdobramentos da reprodutibilidade técnica, que talvez nem tenham sido previstos por Benjamin:

Pergunto-lhe, meu caro Walter: Sou homem, depois desse falimento? Não é a minha própria identidade que está sendo manuseada por profissionais incompetentes? Será que outro que não eu conseguirá me representar tão bem quanto eu me represento nas minhas crises de angústia, na montanha-russa da minha depressão e nos meus piques de euforia? Espero uma resposta sua, e não me chame de retrógrado, por favor. (SANTIAGO, 2005, p. 156)

O falimento da identidade a que se refere o narrador de Silviano Santiago é, no conto de Noll, igualmente derivado dos mecanismos contemporâneos de réplica do sujeito. Uma das programações da máquina de ser é a de clonar indivíduos. Os sujeitos são produzidos em série: não apenas a mesma aparência mas também os mesmos gostos, as mesmas ambições, as mesmas idéias. O conceito de clonagem pode, portanto, ser expandido. Jean Baudrillard faz isso brilhantemente, quando ele desloca a clonagem do território biológico para o âmbito da cultura:

É a cultura que nos clona e a clonagem mental precede, e muito, a clonagem biológica. É o saber hoje que nos clona culturalmente sob o signo do pensamento único. (...) É através do sistema da escola, da mídia, da cultura e da informação de massa que os seres se tornam cópia fiel uns dos outros. (BAUDRILLARD, 2002, p. 43).

Portanto, mesmo que o homem misterioso, no conto de Noll, não seja um clone biológico do narrador, ele pode ser seu clone cultural: dois sujeitos tornados idênticos em seu papel de consumidor diante de uma vitrine de mercadorias, na catedral pós-moderna, que é o shopping.

Esse é um dos vários contos de Noll que dramatizam a dissolução da identidade do sujeito. O sujeito é como uma casa vazia que pode ser ocupada por qualquer um. Não há nada no sujeito que possa ser visto como exclusivamente seu, que possa distingui-lo de outros sujeitos. Se não há nada que distingue os sujeitos, eles se vêem como iguais: vêem-se mutuamente como cópias.

O final do conto dispara uma enxurrada de ambigüidades. O tiro que o narrador ouve é uma metonímia da morte do clone (que pode ter sido alvejado pelo policial que foi abordá-lo na privada) ou da morte do policial (que pode ter sido vítima de uma arma do clone) ? O clone destruiu a instância controladora ou foi por ela destruído? O sujeito se livrou de seu clone ou continuará tendo sua identidade ameaçada por ele? A eterna incerteza quanto à sua identidade é o que, paradoxalmente, confere ao sujeito alguma garantia de que ele ainda é algo mais do que um mero produto de uma máquina de ser.

4 “Na divisa”

Numa nova encenação, o narrador é agora um médico plantonista que resolve se suicidar tomando uma dose excessiva de soníferos. Nesse ínterim, aparece uma paciente em estado de emergência. Há um rápido encontro desses dois seres à beira da morte e depois disso os dois se separam, cada um indo para um lado da divisa: a paciente viaja para a morte e o médico volta de lá, saindo do coma ao vomitar os soníferos. Nos momentos seguintes à sua tentativa frustrada de suicídio, o narrador verbaliza uma dúvida que funciona como o epicentro da narrativa: “Não há ninguém em mim. No entanto, ainda sobrevive essa certa consciência que quer saber, saber o que é

isso de mim qu'inda resiste, entende?" (NOLL, op. cit., p. 115). Ao descrever-se como um continente sem conteúdo, o narrador enfatiza a presença de um corpo vivo desprovido, todavia, de um fulgor anímico que transcenda a mera facticidade corporal. Além do corpo, só resta a esse sujeito um mínimo de consciência que, no entanto, não cessa de buscar uma resposta para o sentido de estar vivo. Se não há ninguém em mim, qual o sentido de meu corpo continuar de pé? Se não há um agente subjetivo que opere a máquina de ser, o que justifica a continuidade de seu funcionamento?

O narrador de "A máquina de ser", depois de testemunhar o clima de esterilidade dominante na cidade estrangeira e de pensar na sua missão de promover o intercâmbio entre os dois países, diz que tem vontade de morrer. A morte não chega porque a máquina de ser consegue recuperar suas funções e apaziguar a crise. Ou seja, os mecanismos de assujeitamento controlam as tentativas de desvio. Já o narrador de "Na divisa" vai um passo além: não apenas tem o desejo de morrer mas chega a tentar o suicídio. Nesses dois contos, assim como nas demais narrativas do livro, a morte exerce um fascínio sobre o sujeito, como se ele nela vislumbrasse a possibilidade de uma desativação de funções cujo exercício demanda esforços desmesurados. A ameaça de uma desativação de funções, entretanto, soa o alarme de pane na máquina de ser.

Assim como toda máquina, a máquina de ser está sujeita a panes. Dois narradores se referem explicitamente a esse estado. O narrador do conto "A máquina de ser", tentando aplacar a crise em que se vê envolvido, usa uma estratégia de denegação dizendo que "[n]ão havia razão de pane aguda agora" (NOLL, op. cit., p. 122). O narrador de "Príncipe da Natividade" também descreve o curto-circuito existencial do personagem a partir da idéia de pane:

Era como se os significados possíveis já se mostrassem em bagaço naquele aposento vazio, por onde ele apanhava livros ao léu e os rejeitava, logo após constatar em seus títulos como se a falta de acesso a não-sei-o-quê, acesso que ele também sentia falhar na direção de sua intimidade agora simplesmente em pane. (NOLL, 2006, p.125)

A pane ocorre quando o sujeito se dá conta de que ele é uma entidade vazia: nada há nele que possa ser exclusivamente seu, que possa dar-lhe um estofo identitário. Em contraste com o Homem de Lata ou o Espantalho, o sujeito, em tempos pós-utópicos, não pode contar com um Mágico de Oz que lhe dê um coração ou um cérebro. Por produzir uma apagamento das singularidades, a máquina de ser cria uma instabilidade no sistema, que pode conduzir ao desejo de morte.

Assim como nos outros contos, a identidade é o que está em jogo. Esvaziado em sua identidade, o narrador torna-se uma espécie de membrana porosa pela qual circulam outras identidades fugazes igualmente escorridas de outros sujeitos. A identificação entre o médico e a paciente, por exemplo, é tão incisiva que ele chega a devanear a possibilidade de os dois serem a mesma pessoa: "Será que nós dois já somos favas contadas? Ou não havia duas pessoas nessa história?" (NOLL, op. cit., p.114). A identificação é tal que o médico chega a invejar a morte bem sucedida da paciente, como se ele quisesse para si a identidade de morta da mulher. Estar sob o domínio da máquina de ser é estar na divisa entre a vida e a morte.

A morte, que é uma recorrência quase absoluta no conjunto das narrativas do livro, funciona como uma possibilidade de desativar a máquina de ser: soltar as cordas que prendem a marionete nas mãos do manipulador, que nem de longe pode ser confundido com a figura de Deus. A máquina de ser, que é herdeira dos desdobramentos contraditórios da morte nietzscheana de Deus, só pode ser uma máquina "deusicida". O problema para o sujeito, deixado a seus próprios caprichos, é saber que signo colocar no lugar de Deus ou como lidar com a cratera ontológica derivada de Sua deposição.

5 A máquina poética

Não há por trás da máquina de ser um referente específico que possa ser recuperado. A máquina de ser não é uma alegoria, mas uma metáfora. É o espírito metafórico dominante na interface escrita/leitura que libera a “voracidade de sentidos atrás de cada frase” referido pelo narrador do conto “Monges”, que não por acaso é um escritor (NOLL, op. cit., p. 83). Nesse sentido, não se pode pensar na máquina como simples epítome do mal, mas como organismo complexo, que demanda um engajamento total por parte do leitor. A máquina de ser não é apenas uma máquina que fabrica autômatos, clones e suicidas. Do mesmo modo que o veneno pode produzir o seu próprio antídoto, a máquina também pode oferecer ao sujeito novas-ainda que tateantes- possibilidades de exercer e afirmar sua subjetividade.

A ambivalência da máquina foi formulada por Heidegger, num momento em que ele refletia sobre a ameaça de um avanço da instrumentalidade técnica. Preocupado com o possível esquecimento do ser, que poderia ser a consequência da crescente tecnificação do mundo, o filósofo busca a radicalidade do sentido da técnica. A máquina é produto da técnica. Escavando o sentido da técnica, o filósofo descobre a potencialidade poética que nela habita. Ao explorar a etimologia da palavra “técnica”, Heidegger nos lembra que *techne* era usada pelos gregos para se referir tanto à técnica quanto à arte (HEIDEGGER, 2001, p. 36), donde infere que na técnica os impulsos instrumentais e artísticos não precisam necessariamente se excluir mutuamente. Ou seja, em toda técnica subjaz uma poética que aguarda ser acionada e que pode desencadear forças criativas até então impensadas.

A poesia, tanto em sentido amplo como restrito, é um elemento central no processo de desmecanização do sujeito. Quando o sujeito desmonta e remonta a linguagem para com ela elaborar novas formas de discurso, ele consegue manter a mecanização tecnicista- que é ao mesmo tempo uma mecanização de produtos, corpos, mentes e relações- numa distância ideal. Surpreendentemente, portanto, a máquina de ser é também uma máquina poética. Com efeito, nos três contos analisados, os narradores verbalizam uma espécie de nostalgia do poético. Em “A máquina de ser” o narrador sente-se frustrado por não conseguir mais entender um poema de Rafael Quental; em “Monges”, é um escritor que escreve um romance e relê livros da infância; Em “Na divisa”, o narrador-médico retoma a figura mítica de Orfeu, pai de todos os poetas e se refere à morte da paciente dizendo que “ela fora até o fim no roteiro do poeta que [ele] queria ser”. Seja lamentando a falta do poético, seja exercendo-o através da escrita, o que a experiência desses narradores mostra é a necessidade de uma desautomatização.

É pela desautomatização lingüístico-cognitiva operada pela poesia que o sujeito consegue se ver como o principal artífice do processo de construção e dissolução de sua subjetividade. O que Italo Moriconi diz a respeito de *Berkeley em Bellagio* serve igualmente para o conjunto das narrativas d’*A Máquina de ser*:

Somente a poesia pode sustentar o trajeto de um homem pelo deserto asfaltado da existência aparentemente desprovida de sentido. O sentido é dado *a posteriori*, recolhido no que foi tecido pela escrita do durante. O imperativo da vida é o imperativo da escrita. No trajeto da escrita, o eu oscila entre celebrar e sustar sua auto-dissolução. O eu se constrói e se dissolve, ao mesmo tempo. (MORICONI, in NOLL, 2003, orelha)

O imperativo da escrita é o imperativo da *poiesis*, que permite ao narrador de Noll estabelecer uma relação muito particular com o mundo, com o real. Na escrita de Noll, a linguagem é anterior ao mundo. É pela linguagem que o verbo se faz carne: o real só se corporifica à medida que é recriado pela linguagem. A máquina de ser é, portanto, uma máquina de *poiesis*. O imperativo da

poiesis força o sujeito a tirar a capa de banalidade da linguagem cotidiana e a enfrentar o seu estranhamento: é isso que faz com que ele possa ver sua singularidade oscilando entre estar dentro ou fora do raio de ação da máquina de ser.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d

BAUDRILLARD, Jean. *A troca impossível*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989

GUATTARI, Félix e ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986

HEIDEGGER, Martin. “A questão da técnica”. In: *Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2001

MORICONI, Ítalo. In: NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. São Paulo: Francis, 2003

NOLL, João Gilberto. *A máquina de ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006

SANTIAGO, Silvano. “Hello, Dolly”. In: *Histórias mal contadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005

Autor

¹ **Marcelo de Souza PEREIRA, Mestre**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

rioofish@yahoo.com